

OS BRAÇOS DE MEU PAI

RAIMUNDO GIRÃO

Vi-os sôbre o seu corpo no caixão funério. Nunca os vira assim. imóveis, inertes, impotentes. Faz dez anos, hoje.

Os braços que ali estavam não eram mais os braços de meu pai, antes nem um só momento quedos, repousantes, em descanso. Sempre os vira em movimento, como que esgrimindo e na verdade lutando, tentando, construindo, na ânsia de trabalhar, no insofrido, impaciente, incontido desejo de não parar.

Nas madrugadas aurorais do sertão já estavam a mover-se empenhados nas labutas suarentas do campo, que êle era do sertão, fundamente campônio, integrando-se no amanho difícil da terra e no pastoreio perigoso dos gados nas catingas. E os dias todos, as horas tôdas, os minutos todos aquêles braços másculos não cessavam de agitar-se como braços de guerreiros lendários em duelos renhidos.

Mas as maldades da politicagem forçaram-no a emigrar de lá, de sua fazenda, do seu chão nativo, do seu rio decantado — o Banabuiú de Morada Nova, “deus magnífico, protetor das plantas e dos animais, bendito pelas estrêlas nas alturas, e a quem, na imponente nave da terra, os ventos entoam exaltação, vibrando festivos e farfalhantes nos bastos carnaubais”, — e o trouxeram para outro cenário todo diverso, o da serra, em Maranguape, o cenário alto de um sítio ali, no mais alto da montanha, adquirido quase em abandono, o mato tomando conta de tudo. E ei-lo com os seus braços, eis os braços de meu pai a pôr as coisas em febril aprêsto para a transformação produtiva — as laranjeiras carcomidas mudadas em laranjais pomosos, os velhos cafêeiros agora feitos cafêzais em flor, os roçados sáfaros estuando em bananais abundantes.

E os braços não tinham sossêgo, de manhã até noite, fazendo, desfazendo, refazendo e plantando e regando e podando e colhendo, ajudados pelos meus doze anos e os dez do Raul, anos de recordações, já longínquas, ajustados nós ambos por fôrça

do exemplo e da necessidade ao ritmo de trabalho daqueles braços, dobrados os nossos ombros de menino ao pêso dos fardos de frutas e ao da gravidade, puxando para baixo, das ladeiras íngremes, desde que o sol se anunciava, rasgando o nevoeiro denso e aliviando mais o frio da serra, dilacerantemente frio, e até que resolvia esconder-se, tarde triste, nas quebradas do poente, onde reboavam os retinidos metálicos das minúsculas arapongas, como que saídos da bigorna de ferreiros coléricos e invisíveis.

E os braços de meu pai adoçaram o amargo da saudade do sertão, da pobreza com que o auxilio o feriu. Recuperam o sítio, refizeram o pão de cada dia, refizeram a roupa da familia, amenizaram os sacrificios de minha mãe, na solicitude de cada instante, maternalmente santa no auxilio que nos dava, resignada e forrada de ânimo, fabricando doces e bolinhos que vendia, vintém a vintém, para jogar no mealheiro das despesas a sua admirável, abençoada contribuição.

Depois, veio o Sousa para a Capital, atraído por mão amiga, para os mistéres de uma escrivania do fôro, que encontrou em desmantêlo e desordenado atraso, tal como o sítio da serra. E os braços de meu pai transplantaram-se para nova lida, diferente, tôda outra, e consertaram o cartório e deram marcha aos processos, garantiram a confiança das partes, conquistaram a estima dos magistrados — os sacerdotes daquêlo buliçoso templo da Justiça.

Não estancaram de um segundo sequer aquêles braços de coragem e de fé, escrevendo com letra firme e cheia de tinta e dignidade, as peças processuais, as certidões, os mandados, os depoimentos e, o que êle fazia com maior contentamento, os alvarás de soltura de culpados que a ignorância e a crueldade da sorte haviam metido nas desgraças e agruras das prisões indesejáveis.

E o Sousa Girão fêz-se o serviçal do templo, multiplicando favores e dando asas à sua bondade desafetada, à sua obsequiosidade que não pretendia trôco, nem uma vez negando ou se excusando, antes sempre compreensiva, indulgente, tolerante para quantos a solicitavam — advogados, juizes, litigantes e réus, misturados no afã das defesas e das acusações, dos despachos e das sentenças.

Durante mais de trinta anos praticou o bem e foi útil, servindo com desinterêsse, dando de si cordial e satisfeito, espontâneo e simples, na sua função pública e nos deveres do seu

consulado de mil providências em benefício de parentes e estranhos, sempre com os seus braços que os meus olhos fitavam agora sôbre o corpo, sôbre o peito com um coração sem sangue e sem calor, não mais a pulsar, como tanto pulsara dantes, pelos bons intentos, pelas probas atitudes, sem qualquer mácula de ódio ou malquerença.

A morte prostara os braços vigorosos de meu pai naquele silencioso adormecimento, que a dor dos filhos e da segunda espôsa havia enfeitado de flores, e que nunca mais eu havia de vêr fortes, diligentes, lesto, operantes, paternais, acolhedores, nunca mais havia eu de ver fazendo, desfazendo, refazendo.

Os braços de meu pai não eram mais os braços de meu pai.

15.6.955.